

EDITORIAL

Pensei como iniciaria o terceiro editorial, desta gestão! A Diretoria Executiva promoveu o tema deste Informa a partir das reflexões em nossas reuniões de trabalho e, engajada nas questões éticas, cuja demanda atual perfaz na ação do psicopedagogo. Na *Era Digital* e da *Inteligência Artificial*, que nos lança às redes sociais, plataformas, apps, perfis profissionais, há exigência da ética profissional. Ética esta que está em cada um de nós e em vocês, Associados!

A competitividade no espaço de trabalho e em nos mantermos sólidos, nos faz cada vez mais líquidos (Bauman). Agimos de forma rápida, queremos respostas fáceis e manuais de livre acesso e de compreensão breve, queremos resultados e quantidades. Da ansiedade aos resultados profissionais, às vezes, nos perdemos pela única questão e moral, a Ética.

Entretanto, quando atuamos com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, honramos a relação na ação humana, em primeira instância mais que a ética. Se somos humanos, por que não nos tratarmos como humanos? A sociedade exige e a vida urge, a psicopedagogia exige!

Quando criança me lembrava do que era mais importante? Estar na companhia dos familiares ou fazer compras? Estar na escola ou viajando fora do período escolar (isso era inconcebível)? Brincar com os primos ou com os colegas da escola? Eram dilemas, que não mudaram, o que mudou foi a exigência da presença, em muitos lugares, presencial e virtualmente.

Trabalhamos, convivemos com os familiares e estamos nas redes sociais. Para apresentar o quê e para quem? Tanta verbosidade, tantas telas e receitas..., dizendo faça assim... faça aquilo... faça desse jeito... Tanta exposição, tanto tempo, tanta eloquência. Cuidado, pois devemos ter a atenção, mais que tratar a desatenção, que possamos cuidar da nossa comunicação, da nossa presença e ação em zelar minimamente pelo humano e pelos afetos.

Este humano SOU EU, É VOCÊ, SOMOS NÓS PSICOPEDAGOGOS! Tudo tem o seu valor!!! "Tudo é valor", segundo Piaget, pois tem valor para uma pessoa, aqueles objetos, pessoas ou ideias, que de certa forma, a "comovem", não a deixam indiferente. "Tudo pode se tornar um valor", uma vez que tudo é passível de investimento afetivo, desde um singelo objeto até categorias morais (e todos os outros), tenham como raízes afetivas, elas podem e devem ser objetos de reflexão. Às vezes, não temos consciência dos valores que nos movem, nossas ações, e, nesse caso, se possível, é desejável um trabalho de tomada de clareza, pois somente temos liberdade se somos capazes de fazermos escolhas racionalmente embasadas.

Tomar consciência dos nossos valores, refletirmos sobre eles e, se necessário, modificá-los, eis um dos papéis da razão como instância reguladora de nossos juízos morais (La Taille). Que nós, você e eu tenhamos mais tempo para respirar, mais humanidade comigo para ter com o outro! Basta isso!

Boa leitura, os artigos falarão por si só!

Ruth Nassiff

Diretoria Presidente ABPP São Paulo

Fonte bibliográfica: La Taille, Yves de. Formação Ética. Artmed. 2009. Rio Grande do Sul.

AGENDA CULTURAL

Propostas para o 2º semestre de 2024

Grupos de Estudos gratuito aos Associados, terças-feiras, das 20:00 às 21:30 on line

Temas:

- Agosto - Sofrimento psíquico em crianças e adolescentes. Diferentes manifestações nos pós pandemia com Mara Chiari;
- Setembro - TEA com Maria da Paz Nunes Pereira (Gunga) e Maria Eugênia Pesaro
- Outubro - Funções Executivas com Gabriel Brito.

Palestras:

- 21/09/24 - das 9:00 às 11:30 - Altas Habilidades com Daniela Robbi, no Espaço Neom
- 19/10/24 - das 9:00 às 11:30 - Estudos? Estou Fora. A relação subjetiva do adolescente com o conhecimento com Leda Bernardino, no Espaço Neom
- 26/11/24 - das 20h00 às 12h30 - Inteligência Artificial: Inimigo ou Aliado? com Luiz Fernando Faro, On Line

Curso:

- Jogos e a Psicopedagogia com Rebeca Lescher e Wylma Ferraz
- Novembro dois encontros On line e um presencial no Espaço Neom

Reuniões do Projeto Social - encontros formativos e encontros técnicos.



Associação Brasileira de Psicopedagogia
Seção São Paulo



PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416-1030



ABPP SP – Associação Brasileira de Psicopedagogia SEÇÃO SÃO PAULO



@abppsp

ARTIGOS

Qual é a Ética?

Simone Carlberg - Pedagoga, psicopedagoga. Associada titular ABPp nº 71, associada vitalícia ABPp PR nº 09.

Qual é a ética? A das redes sociais? A da indústria farmacêutica? A das ONGs?

A dos políticos? A dos professores? A dos rótulos patologizantes? A do mercado?

A minha? A sua? A nossa? A ética pessoal antecede a ética profissional? Ambas estão alicerçadas em semelhante concepção de homem e de mundo? Há várias éticas?

A palavra ética é um termo que tem a sua origem no idioma grego antigo, */éthos/*, que quer dizer hábito ou costume, ou ainda */êthos/*, que tem o sentido de caráter ou daquele que possui caráter.

A Filosofia preocupa-se com os estudos sobre ética desde a Antiguidade e intenciona entender, de maneira moderada e com uma visão questionadora, o que é certo, o que é errado, mas sem recorrer ao senso comum. Para estabelecer o que é certo ou errado, por si só, entra-se num terreno complexo e que exige uma análise cuidadosa daquilo que se pretende propor.

Um código é um conjunto de disposições, de regulamentos que organizam, sugerem, orientam, neste caso, a **conduta** esperada de psicopedagogos em ação. Um código de ética precisa ser compreendido e analisado a partir do tempo histórico, geográfico, em que foi construído.

O Código de Ética do Psicopedagogo teve a sua primeira versão entre os anos de 1991 e 1992, e a sua organização foi realizada por uma comissão do Conselho Nacional da ABPp. Esse primeiro documento abordou questões como os princípios da Psicopedagogia, suas responsabilidades gerais, suas relações com outras profissões, a importância do sigilo nas ações psicopedagógicas, entre outros aspectos. Entre 1995 e 1996, foi realizada uma primeira reformulação. Novamente, foi atualizado nos triênios 2011/2013 e 2017/2019. É importante destacar que a Comissão de Ética de cada biênio ou triênio elaborou sugestões, mas cada versão foi aprovada em Assembleia Geral com a participação dos associados da ABPp.

Cada reformulação/atualização do Código de Ética do Psicopedagogo exigiu estudos, questionamentos, consultas a documentos, como o Código Civil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, como também contou com uma assessoria jurídica.

Há, portanto, uma complexidade na organização de um código de ética de uma categoria profissional; nesse caso, envolve um grupo grande de psicopedagogos que, voluntariamente, estudam e aprofundam seus conhecimentos a respeito de uma temática importante para os profissionais que exercem a atividade psicopedagógica, assim como para seus clientes.

A ação de grupos profissionais é organizada na sociedade e faz uso desse instrumento, o qual aborda aspectos de ação no **âmbito público**. Então, nasce a necessidade de diferenciar o que é público daquilo que é privado; diferenciar as atitudes esperadas do ponto de vista teórico (também considerado na organização de um código de ética) e do ponto de vista prático, daquelas atitudes que um psicopedagogo deve construir na sua ação e na sua relação com a sociedade.

Um código de ética não prevê todos os detalhes; ele traça uma margem para a ação, dentro do que é possível ser identificado no tempo histórico em que foi concebido e, subjetivamente, pode ser compreendido como uma possibilidade do exercício de autonomia moral, a qual prevê um grau de cooperação e respeito mútuo.

O uso das redes sociais por psicopedagogos, por exemplo, não está literalmente abordado na atual versão do Código de Ética do Psicopedagogo; no entanto, tem sido uma preocupação e um tema estudado pelas Comissões de Ética, pois a diferenciação entre o que é público e o que é privado parece estar numa linha muito tênue.

No Código de Ética do Psicopedagogo, Capítulo III – Do Exercício das Atividades Psicopedagógicas, Artigo 6º, Parágrafo 1º, encontra-se: "O psicopedagogo, ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, por meio de recursos físicos e/ou virtuais, deverá fazê-lo de acordo com as normas da ABPp e os princípios deste Código de Ética".

É possível, pois, aproveitar essa oportunidade para refletir sobre aquilo que é publicado em redes sociais (em âmbito público): o conteúdo revela sobre quem se é ou sobre o que se pensa; como profissional ou como pessoa física? Quando um psicopedagogo faz uso de redes sociais, ele não está somente apresentando a si mesmo; também está apresentando uma área de atuação, que é coletiva, e não individual. Portanto, a maneira como se usa uma rede social é uma questão ética.

Será que a ética pessoal antecede a ética profissional?

Afinal, qual é a ética?

Certamente, essas questões podem ser esclarecidas com a leitura do Código de Ética do Psicopedagogo!

Sugestões de leitura e reflexão:

Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp - **Código de ética do psicopedagogo**. https://www.abpp.com.br/wp-content/uploads/2020/11/codigo_de_etica.pdf Por que?

Porque conhecer e compreender o código de ética da sua área de atuação é uma conduta ética.

LA TAILLE, Yves de. **Ética para meus pais**. Campinas: Papyrus, 2011.

Por que? Porque o Tomás, personagem do livro, pode auxiliar na reflexão sobre a temática ética, como também no aprofundamento sobre a diferenciação entre o que é público e o que é privado.

Ortega, as Amebas, as Crianças e as Novelas

Nilson José Machaddo - Professor Titula da FEUSP

A recomendação é de Ortega y Gasset: nas séries iniciais da educação básica, as crianças devem ser tratadas como se fossem seres unicelulares, como as amebas...

Se uma escola de educação infantil anunciar tal opção, correrá o risco de mal entendidos. No entanto, nada há de estranho ou misterioso em tal comparação. Nos primeiros anos escolares, a criança é um ser uno, indivisível, não especializado, potencialmente capaz de interessar-se por múltiplos temas. Ainda não tem órgãos diferenciados, como pernas ou braços, a reclamarem treinamentos específicos. Como as amebas, as crianças são seres inteiros, íntegros e integrados, tecnicamente chamadas de *pseudópodes*, ou de *falsos pés*, que são convenientes para que elas se locomovam, na realização das tarefas correspondentes às suas necessidades vitais.

Na alegoria orteguiana, apenas com a continuidade dos anos de formação, as crianças/amebas vão diferenciando seus órgãos com finalidades mais bem delimitadas, e à educação cabe provê-los de exercícios “disciplinares” específicos que favoreçam

seu desenvolvimento.

Essa característica fundamental das amebas, que se adapta e se conforma às exigências do meio, mantendo, no entanto, sua inteireza e sua integridade como um ser elementar, já foi associada, por pensadores como Ortega, ao modo como criam seus roteiros os produtores de novelas. Oscilações nas características na construção dos personagens funcionam, muitas vezes, como recursos *ad hoc* para agradar ao público. O bem ou o mal assumem, muitas vezes, uma forma provisória, que pode ser atenuada após a conquista da audiência.

É no terreno filosófico, no entanto, que as amebas podem constituir um fecundo repertório de alegorias iluminadoras, particularmente no que tange à questão da imortalidade. Como se sabe, a forma fundamental de reprodução da ameba é a assexuada; após um ciclo de vida, a célula se subdivide, dando origem a duas células-filhas, com a mesma informação genética da célula-mãe. Não existe uma morte em sentido humano: o processo de bipartição é permanente, e continua com as células-filhas. Cada ameba é um nó de uma rede de relações que representa uma espécie de imortalidade...

Na tentativa de caracterização do sentido da vida, os seres humanos buscam permanentemente algum tipo de imortalidade. Os filhos constituem certo tipo de permanência dos pais, ainda que a transferência genética seja muito mais limitada que a das amebas. Mas a permanência mais efetiva, mais consistente, mais valiosa em termos humanos é a que se dá por meio das obras que realizamos. Naturalmente, o que entendemos aqui por “obra” tem um sentido amplo, que vai das ações ordinárias, que integram o fazer e a palavra, o sentimento e o gesto, a simpatia e o respeito, na construção dos liames sociais, até alcançar o que objetivamente produzimos, nas manifestações artísticas ou culturais, como o pensamento que se materializa em um livro, ou em outra forma de codificação.

Não sobrevivemos, então, biologicamente, como as amebas, mas sim por meio do que deixamos na mente e no coração dos entes queridos que por aqui vão ficando. É verdade que nossa eternidade é permanente enquanto dura, como já nos lembrou o poeta, mas, afinal, viver para sempre não é importante: a vida é durante.

Em outras palavras, mesmo sem braços ou pernas, as amebas se deslocam naturalmente, de modo integrado; com solidariedade biológica, elas renascem a cada nova bipartição celular; como competentes roteiristas, realizam o enredo de suas vidas, administrando o gosto de seu “público”, podendo transmutar heróis em vilões, bruxas em fadas, protagonistas em coadjuvantes e vice-versa. Suas circunstâncias podem incluir uma espécie de “índice de audiência” que orientam as amebas, na construção alegórica de sua circunstância. Tal tomada de consciência põe em relevo um fato básico no terreno da Ética: é preciso submeter-se à inexorável e imprescindível existência do outro.

Nilson José Machado é Professor Titular Sênior da Universidade de São Paulo, na Faculdade de Educação. É Membro Titular (Cadeira 22) da Academia Paulista de Educação.

Referências Bibliográficas

ORTEGA Y GASSET, José – *OBRAS COMPLETAS – Madrid: Alianza Editorial/Revista de Occidente, Volume 2. (especialmente os Ensayos Filosóficos/Biología y Pedagogía, p.273- 304).*

Sobre ética: Adão onde você está?

Danit Zeava Falbel Pondé: Clínica, doutora em filosofia da psicanálise, professora supervisora e orientadora do IBPW.

Basta um olhar, ainda que superficial, para os grandes eventos e comportamentos comuns disseminados no século XX e XXI, para perceber que a despeito dos avanços da ciência que em muito satisfaz necessidades humanas, demais facetas humanas não progrediram. A ciência avançou, mas nada pôde mudar em termos

da natureza humana e suas necessidades, e ainda não pode. Pelo contrário, a ciência em seu potencial ambivalente de bom e ruim colabora em recrudescer o sentimento de insegurança já bastante insuflado. Como anuncia o filósofo John Gray, “Há progresso no conhecimento, mas não na ética. Esse é o veredicto tanto da ciência quanto da história, e o ponto de vista de cada uma das religiões mundiais.”(2013, 169). O tão bem quisto avanço do conhecimento camufla as derrocadas no âmbito ético quando observa-se as dificuldades do exercício social de convivência com a alteridade. Recursos emocionais eminentemente civilizatórios tais como empatia e tolerância são escassos, não fazendo valer a importante distinção genética no DNA humano de 1% dos primos chimpanzés.

Há muitos que dizem isto ser decorrente de haver pouco debate sobre eticidade na sociedade. Se a questão for examinada quantitativamente, perde-se de vista a matéria prima da qual a ética se origina. Mais do que algo pertencente a retórica, que por muito pode ser vazia em seus objetivos marqueteiros pessoais, ética necessariamente se expressa em manifestações concretas. Nesse sentido, o que importa é o alcance de uma posição ética de cada indivíduo e, por tabela, de uma sociedade composta por estes indivíduos.

Se o ponto de vista quantitativo é questionável, então resta o ponto de vista qualitativo. Se examinado do ponto de vista qualitativo ainda resta perguntar se ética é algo relativo, e se for este o caso, relativo ao que? O economista Thomas Sowell oferece uma base para a reflexão trazendo à tona o conflito de visões sociais da qual emergem as ideias, projetos e planos que nortearam e, continuam norteando, o caminho sócio-político-econômico e cultural desde a modernidade.

A percepção distingue dois modos muito distintos em pensar sobre a natureza humana e respectivos desdobramentos, especificamente no campo ético que permeia todos eles. As visões distinguem-se entre visão restrita e irrestrita. A primeira é a visão restrita sobre o homem e seus subprodutos ancorada no reconhecimento da realidade humana incluindo suas imperfeições. Nesta visão restrita, as limitações morais do homem e seu egocentrismo em particular foram tratadas como fatos inerentes à vida. Sem ser lamentadas, tampouco foram focadas no sentido de serem modificadas. “O desafio moral e social fundamental consistia em se fazer o melhor possível dentro dessa limitação, em vez de gastar energias em uma tentativa de se mudar a natureza humana”(2011,25). Nesse sentido, os planos traçados para serem implantados na sociedade baseavam-se muito mais em estabelecer modos de estabelecer um conjunto de trocas do que alçar soluções para mudar o homem. Mais do que o resultado, as energias eram centradas no processo. Teorias econômicas liberais tais como encontradas em *A riqueza das nações* de Adam Smith, e o pensamento na política sobre a democracia de Edmund Burke são exemplo desta visão restrita. Em oposição, a visão irrestrita afirmava a natureza basilar de potencial humano em essência virtuosa, e, portanto, se circunstancialmente imperfeita ainda assim passível de modificação. Trabalhavam idealmente tendo em mente como os homens podem ser daqui em diante. “O verdadeiro objetivo era o desenvolvimento a longo prazo de um sentido de dever social”(2011,30). As teorias idealizadas focavam em encontrar soluções direcionadas a este resultado. Assim justificavam-se facilmente dinâmicas intervenientes em variantes graus de truculência pois mais importante do que os modos eram os resultados e fins edificantes. Desta visão emergem com naturalidade as revoluções embasadas em teorias intervenientes para consertar o mundo. Do socialismo de Marx às versões modernas em ações afirmativas (politicamente correto) e compensatórias (sistema de cotas), os direitos morais tais como justiça e igualdade são direitos de resultado e não de processo.

Em termos psicológicos, é no pensamento de Winnicott (1983) que encontra-se uma outra base para pensar a etiologia da diversidade pessoal no que se refere ao alcance ético assim como no cunho das visões. Para ele, primeiramente é uma questão de alcance, uma vez que, a despeito das características da espécie, o alcance moral é resultado na linha do desenvolvimento emocional. Existem os que chegam, existe os que não chegam e existe os que não chegam, mas mimetizam ter chegado. De qualquer modo, o autor afirma uma base universal na natureza humana de um potencial moral inato, mas que se realiza apenas sob os modos suficientemente bons de cuidado provisionados pela parentalidade. A raiz moral em seu desenvolvimento contínuo segue *pari passo* sendo construída nas relações interpessoais principalmente no início da vida quando a dependência do bebê/criança é maior. Sobressai-se nesta perspectiva um olhar sobre o bebê que o assegura como uma pessoa e não um objeto de argila a ser moldado, nem que seja com as melhores das intenções. Transmissão de referências humanas emana da convivência prática. Interesse, atenção, prazer no encontro, em suma, a disposição de cuidar do bebê compõe os fundamentos da personalidade. A constituição desta posição individual é o lugar de onde criativamente adiante fará coisas no mundo, em seu benefício próprio e para o mundo. A autorreflexão e o autocontrole administram o trânsito em sociedade destes que chegam. Já os que não chegam, só podem se defender de um mundo no qual não tiveram lugar desde o berço e do qual experimentaram desinteresse, crueldade, intolerância. A consequência é afirmar-se em modos narcisistas e restritos, inclusive ao acusar continuamente o ambiente mais próximo e a sociedade por esta falta. A diferença entre estes e os que mimetizam é apenas no modo de manifestação. O comum entre eles é a pobreza pessoal. De toda maneira, neles o que está em primeiro lugar é a própria sobrevivência. E esta necessidade pode levar aos usos reforçadores e fortificadores de fórmulas prontas e solucionadoras ofertadas na estante farmacêutica do universo das produções humanas. Sejam em diagnóstico, em rebelião ou em obedecer a regras e dogmas, o certo e errado é uma bússola importada de fora, portanto, não calcada no interior do indivíduo.

Isso leva a uma última consideração sobre ética por quem se debruça sobre isso há milênios: a religião. O filósofo Martin Buber (2023) oferece uma interpretação pessoal a respeito de um conto místico judaico. Na história, um rabino é denunciado por prática religiosa proibida e vai parar na cadeia de São Petersburgo. Ali é visitado pelo comandante da cadeia que o encontra numa tranquilidade, aquela só possível há quem confabula diariamente com Deus. O comandante faz muitas perguntas e se atém no episódio específico no livro de Genesis para ele muito obscuro: Como devo entender que Deus em sua onisciência pergunta a Adão, Onde está você? O rabino responde: Você acredita que as escrituras são eternas e abrangem todas as idades, todas as gerações e todas as pessoas? Diante da afirmativa do comandante, continua: Em todas as idades, Deus dirige a cada pessoa a pergunta: Onde está você no mundo? Tantos dias já se passaram na sua vida, quão longe você foi no seu mundo? Talvez Deus diga: "Você já viveu 46 anos. Onde você está agora? Ao ouvir a correta idade que tinha, o comandante diz "Bravo!" para o rabino. Por dentro seu coração tremia. Na interpretação de Buber, todo homem é Adão e a pergunta de Deus não pretende obter resposta, mas sim produzir um efeito só possível com esta questão. Num jogo de esconde e esconde, o homem apenas busca formas de escapar das responsabilidades de seus atos, mas acaba se perdendo de si e não de Deus. Deus busca este homem, aquele que sabe onde está. A autoconsciência é decisiva para o início de um caminho na própria vida e no mundo.

Referências bibliográficas

- Buber, M. *The way of humanity*. New York: Central conference of american Rabbis, 2023.
- Gray, J. *Cachorros de palha*. Rio de Janeiro. Editor Record, 2013.
- Sowell, T. *O conflito de visões*. São Paulo. É Realizações editora, 2011.
- Winnicott, D.W. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artmed, 1983.

RESENHA

Resenha do filme: Sala dos professores

Eliana S. Moura e Helena Maria B. Silva, psicopedagogas e assistentes sociais.

O filme, produzido pela Alemanha em 2023, oferece ao público reflexões importantes sobre dilemas éticos. A história se passa dentro de uma escola, mas pode ser facilmente transportada para qualquer ambiente onde existam relacionamentos sociais, em qualquer lugar do mundo, uma vez que a ética é um conceito universal.

Com o objetivo de resolver o problema dos furtos que ocorrem no ambiente escolar, a diretora adota a postura de "tolerância zero", como ela mesma denomina sua abordagem para lidar com a situação. A partir daí, os acontecimentos se desenrolam de maneira desastrosa, levando a personagem da Profa. Carla Novak, muito incomodada com o que está acontecendo, decide por si mesma descobrir quem está cometendo os furtos.

A atuação da atriz que interpreta essa professora consegue transmitir ao espectador os conflitos que normalmente enfrentamos quando nos deparamos com questões éticas nos mais diversos contextos. Isso ocorre porque a ética, que pode ser entendida como um conjunto de princípios que surge a partir da reflexão sobre ações e normas de conduta, é algo muito complexo e entra em contato com nossos valores morais.

Os envolvidos na trama, em maior ou menor grau, vivenciam esses dilemas: a diretora, que usa métodos questionáveis e arbitrários; as crianças que são coagidas a delatar o possível transgressor; os professores que se perdem em julgamentos superficiais e repletos de preconceitos; alunos que manipulam informações para alcançar uma conclusão que acreditam ser verdadeira, e, finalmente, a Profa. Carla Novak que, inconformada com a maneira como a situação dos furtos está sendo conduzida pela diretora da instituição escolar, decide tomar a iniciativa para descobrir o responsável. No entanto, o método que ela escolhe para fazer isso intensifica a tensão já existente e assume dimensões alarmantes. Este ato também confronta questões éticas e tem o potencial de impactar significativamente a vida das pessoas da comunidade escolar onde a história se desenvolve.

O filme cumpre sua função, que é demonstrar que agir sob a égide da ética nem sempre é fácil. Isso exige daquele que se vê diante de um determinado fato a imparcialidade necessária para fazer com que os conceitos de responsabilidade, justiça, empatia, entre outros, prevaleçam sobre os julgamentos morais e a intolerância.

Todo o desenrolar do filme é permeado por dúvidas, assim como seu final aberto, que permite ao público fazer conjecturas e analisar a trama a partir de sua perspectiva e valores. O enredo causa certa perturbação, justamente por trazer à tona sentimentos adormecidos e posicionamentos individuais acima de algo que é uma construção coletiva em constante evolução: a Ética.

Das Lehrerzimmer- ANO: 2023 - PAÍS: ALEMANHA - CLASSIFICAÇÃO: 12 ANO 5- DURAÇÃO: 98 MIN - DIREÇÃO: ILKER ÇATAK - ROTEIRO: JOHANNES DUNCKER, ILKER ÇATAK - ELENCO: LEONIE BENESCH

Por Trás das Regras: A Importância da Ética na Construção da Identidade Profissional do Psicopedagogo

Monica Recusani – Psicopedagoga, Neuroeducadora e Diretora Adjunta de Comunicação da ABPp-SP

A Psicopedagogia, como campo interdisciplinar, desempenha papel fundamental na compreensão dos processos de aprendizagem. Nesse contexto, a ética profissional é pilar medular na atuação dos psicopedagogos, visto que endossa a qualidade dos serviços prestados e o respeito aos direitos dos clientes.

O Código de Ética do Psicopedagogo (ABPp 2019) é o documento que estabelece diretrizes éticas para orientar a conduta dos profissionais da área. Ao analisar seus capítulos, é possível compreender melhor os princípios, formação, direitos, deveres e responsabilidades no exercício das atividades psicopedagógicas que regem e norteiam a prática profissional.

O presente artigo tem como objetivo analisar o Código de Ética da ABPp, destacando seus principais pontos e considerações sobre cada capítulo. Por meio dessa análise, busca-se fornecer uma visão abrangente das diretrizes éticas para a prática profissional enfatizando a natureza interdisciplinar, formação, responsabilidade ética e transparência nas relações profissionais. Destacam-se a busca pelo aprimoramento contínuo, respeito à confidencialidade dos atendimentos, honorários e observância do Código de Ética, princípios que orientam a atuação dos psicopedagogos em prol do desenvolvimento e bem-estar dos indivíduos.

O Capítulo I intitulado “Dos Princípios”, enfatiza a natureza interdisciplinar da Psicopedagogia que considera sujeitos e sistemas em contextos sociais, históricos e culturais. A intervenção psicopedagógica aborda dificuldades e possibilidades de aprendizagem em contextos clínicos e institucionais, utilizando instrumentos embasados em diversos referenciais teóricos. A atuação psicopedagógica visa propor ações relacionadas à aprendizagem, contribuir para inclusão escolar e social, realizar pesquisas científicas e mediar relações interpessoais durante os processos de aprendizagem, tendo em vista desenvolvimento e bem-estar dos envolvidos.

Avançando para o Capítulo II, “Da Formação”, são apresentados os quesitos da formação do psicopedagogo, nos quais o profissional deve passar por cursos de graduação e/ou pós-graduação, formação essencial para a competência profissional e a qualidade dos serviços prestados. No terceiro capítulo, “Do Exército das Atividades Psicopedagógicas”, são delineadas as diretrizes para a prática profissional. Profissionais com formação em Psicopedagogia estão habilitados, inclusive aqueles que adquiriram direitos antes da regulamentação legal. A responsabilidade ética é destacada, exigindo integridade, respeito aos princípios éticos e proteção do bem-estar dos envolvidos, com ênfase na confidencialidade dos atendimentos e exigência de autorização para divulgação de registros pelos responsáveis.

O Capítulo IV, “Das responsabilidades”, estabelece os deveres dos psicopedagogos que incluem aspectos como a busca contínua pelo aprimoramento profissional, respeito nas relações com colegas e responsabilidade em relação aos sujeitos atendidos, além da importância da formação contínua, supervisão psicopedagógica e terapia pessoal.

No Capítulo V, “Dos instrumentos”, destaca-se que os instrumentos da psicopedagogia são ferramentas utilizadas para compreender e atuar sobre seu objeto de estudo, que é a aprendizagem humana. A escolha desses instrumentos é guiada pela formação profissional e competência técnica do psicopedagogo.

Avançando para o Capítulo VI, “Das Publicações Científicas”, as normas para publicações científicas incluem o direcionamento das

críticas à matéria, não ao autor; igualdade de destaque a todos os colaboradores; evitar o uso da posição hierárquica para publicar trabalhos orientados; e seguir as normas de citação e esclarecimento de ideias e ilustrações.

Em “Da Publicidade Profissional”, Capítulo VII, o profissional deve divulgar seus serviços com precisão e honestidade, garantindo o cumprimento das normas deste Código de Ética.

Capítulo VIII, sobre “Dos Honorários”, os psicopedagogos devem estabelecer acordos claros e justos com seus clientes, considerando a qualidade do serviço prestado e a situação econômica local, a natureza e o tempo dedicado aos serviços prestados.

O Capítulo IX, “Da observância e Cumprimento do Código de Ética”, reitera que o psicopedagogo deve seguir o Código de Ética e inclui como violação ética o uso indevido de títulos, profissionais não habilitados realizarem práticas e recebimento de pagamento por serviços não realizados. É o Conselho Nacional da ABPp que supervisiona o cumprimento ético e orienta os profissionais.

Por fim, no Capítulo X, “Das Disposições Gerais”, encontram-se as disposições finais com o cumprimento do presente Código recomendado pelos Conselhos Nacional e Estaduais da ABPp, bem como traz o histórico das atualizações desde 1991, com a última versão aprovada em 2019 pela Assembleia Geral.

Essa análise dos capítulos do Código de Ética do Psicopedagogo oferece uma compreensão abrangente das diretrizes éticas que regem a prática profissional, fornecendo um guia essencial de conduta e representando um importante instrumento para garantir a qualidade de atendimento e prática psicopedagógica. Ao seguir suas diretrizes, os profissionais da área contribuem para o fortalecimento da profissão e bem-estar dos clientes atendidos. É fundamental que os psicopedagogos estejam sempre atentos aos princípios éticos estabelecidos no código. Sugere-se que os profissionais da área familiarizem-se e aprimorem seu conhecimento sobre as diretrizes éticas, a fim de promover uma atuação responsável e comprometida com os valores da profissão.

Referência Bibliográfica:

Código de Ética do Psicopedagogo (ABPp 2019)

ACONTECEU

Aconteceu nos dias 24 e 25 de maio o **VII Simpósio de Psicopedagogia da Região Sudeste**, com o tema "Da infância à maturidade", contando com a participação da ABPp-SP. Marisa Castanho iniciou abordando a evolução das mídias. José Vinícius encantou com sua música. Marta Relvas destacou a liberação de hormônios por meio das memórias. Mônica Mendes pintou uma linha do tempo dos grandes autores psicopedagógicos. Manuela Barbosa trouxe reflexão e poesia sobre o aprendizado. Sandra Meire conectou a Psicopedagogia ao Ensino Superior. Walquiria Angélica Garcia apresentou a Psicopedagogia familiar sistêmica. Julia Eugênia Gonçalves tratou da estimulação cognitiva em adultos e idosos.

Tivemos eventos com temas enriquecedores à prática Psicopedagógica:

Março : **G.E** – “A relação família paciente no processo de construção do conhecimento” com Lena Batman Makro e Paula Ditt

Abril: **G.E** – “A clínica psicopedagógica : da avaliação à intervenção” com Maria Cristina Natel

CURSO - “Psicomotricidade, Fluência E Grafia” com Cláudia Galvani

Maio : **G.E**. “Testes não restritos - avaliação psicopedagógica fundamentada em evidências científicas” com Márcia Machado

RODA DE CONVERSA com autores da coleção “Intervenções em Psicopedagogia”

Junho : **PALESTRA** “PSICANÁLISE e AFETOS” com Alexandre Patrício

PROJETO SOCIAL

Uma ação social pode ser definida como qualquer ação que um sujeito realiza no meio em que vive, deve possuir sentido para quem a pratica, tem como objetivo uma intenção que é orientada para o outro, afirma o sociólogo Max Weber. O Projeto Social da Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção São Paulo - **ABPp SP** desenvolve, então, uma ação social orientada para sujeitos com queixa de dificuldade de aprendizagem e cujas famílias não dispõem de renda para avaliação e intervenção psicopedagógica. Essa ação é realizada por associados efetivos e titulares da seção, em diferentes âmbitos e com diferentes formatos. Em funcionamento desde o ano de 2011 o Projeto Social está em constante atualização para atender as demandas da sociedade, estabelecendo parcerias na área da educação e da saúde.

Promovemos uma eleição junto aos membros do Projeto para a atualização do nome que em breve será anunciado.

Associado **ABPp SP** participe desta ação, seja um membro do Projeto Social.

M^a Cristina Natel, Rebeca Lescher e Sandra Lia Santilli
Coordenadoras do Projeto Social (gestão 2023/2025)

Contato: projetosocial.abppsp@gmail.com

Inscreva-se: <https://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/inscreva-se/>

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

COMISSÃO DE ÉTICA

É com grande satisfação que a Comissão de Ética do Conselho Estadual da ABPp - Seção São Paulo escreve neste Informa, cujo tema nos é tão caro: Ética! Seguimos desenvolvendo nosso trabalho de esclarecimento e orientação às questões que nos chegam através de nossos associados e do público em geral. Permanecemos atentos, refletindo constantemente acerca da ética no âmbito profissional, mas também acerca da ética no dia-a-dia, da ética na sociedade, da ética nas relações. Estamos vivendo um tempo de esgarçamento da noção de ética humana, seja nas relações interpessoais, seja na cidadania, seja na prática profissional e isso nos remete, ainda mais, à importância de termos referenciais e parâmetros que orientam nossas ações. Nesse sentido, reiteramos a relevância do Código de Ética do Psicopedagogo (2019) como norma de regulação, como norteador de nossas ações em nossa práxis psicopedagógica. O constante visitar do Código de Ética ajuda na construção de nossa identidade como psicopedagogos e, mais amplamente, na identidade da Psicopedagogia. O fazer ético psicopedagógico, a clareza de nossa área de atuação, o uso de nossos instrumentos e de referenciais teóricos consistentes sustentam a nossa identidade como profissão.

“O Código de Ética tem o propósito de estabelecer parâmetros e orientar os profissionais da Psicopedagogia brasileira quanto aos princípios que regem a boa conduta profissional e instituir diretrizes para o exercício profissional.”

Acesse o Código de Ética do Psicopedagogo no site da Seção São Paulo. Até breve!

Carla Labaki

Coordenadora da Comissão de Ética da ABPp - Seção São Paulo

SUGESTÃO DE LEITURA

Livro: **O enegrecer psicopedagógico – um mergulho ancestral** – Editora Jandaíra – SP, 2021, 1^a edição.



O livro **“O enegrecer psicopedagógico – um mergulho ancestral” de Clarissa Brito** – mostra considerações importantes com relação a sua trajetória psicopedagógica, no intuito de conhecer as “dificuldades de aprendizagem que afetam a população negra brasileira, e, relaciona e integra conceitos de Jorge Visca”. Os sujeitos mesmo com o nível cognitivo iguais podem aprender de formas diferentes, partindo do pressuposto socio afetivo e dos elementos lhes afetam. Clarissa reflete a subjetividade do psicopedagogo a partir de si e de sua prática psicopedagógica. “Minha trajetória de formação pode ser vista..., visto que cheguei à Psicopedagogia...” Vale a leitura e o encontro com a autora Clarissa Brito!

EXPEDIENTE – DIRETORIA EXECUTIVA 2023 / 2025

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETORA PRESIDENTE: Ruth Nassiff

DIRETORA VICE-PRESIDENTE: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

DIRETORA SECRETÁRIA: Paula Roberta Martins Fernandes de Castro Santos

DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA: Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

DIRETORA FINANCEIRA: Eliana Santos Moura

DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA: Helena Maria Barbosa da Silva

DIRETORA CULTURAL: Cecília Gereto de Mello Faro

DIRETORA CULTURAL ADJUNTA: Patrícia Rossi Torralba Horta

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES: Maria Lúcia Moura Caruso

DIRETORA ADJUNTA DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES: Mônica Recusani

PROJETO SOCIAL

COORDENADORA DO PROJETO SOCIAL:

Maria Cristina Natel

Rebeca Lescher N. de Oliveira

Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Adriana Araujo

Andrea de Castro Jorge Racy

Ariane Zanelli de Souza

Camila Barbosa Riccardi León

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Ernani Pereira Junior

Márcia Alves Verri

Marcia Di Santo Machado

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

CONSELHO FISCAL:

Márcia Maria Machado Monteiro

Daniella de Moura Pereira Robbi

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

EDITORIA DE REDAÇÃO: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL: Andréa de Castro Jorge Racy, Ariane Zanelli de Souza, Maria Cristina Natel e Cecília Gereto de Mello Faro.

TIRAGEM: 1.000 exemplares

criação e impressão: KOSMOGRAF